

## COM O *FALO* NA BOCA: ARTIVISMO LITERÁRIO

Tales Santos Pereira<sup>1</sup>  
André Luis Mitidieri<sup>2</sup>

*Recebido em 10/03/2018. Aprovado em 04/06/2018.*

**Resumo:** Ao abordar a relação entre homoerotismo e marginalidade na obra *Falo*, de Paulo Augusto, objetivamos compreendê-la enquanto meio que conduz o poeta à construção de um espaço identitário e de enunciação, em contrapartida aos discursos de dominação heteropatriarcais. Amparados teoricamente, através de pesquisa bibliográfico-analítica, em autores como Barcellos (2006), Lopes (2002) e García (2011; 2014), que discutem a relação entre literatura e homoerotismo, assim como em Cabañas (2005; 2009) e Calegari (2010), que estudam o fenômeno da poesia marginal da década de 1970, seguiremos o enalço da voz marginal projetada na poética do autor e do sujeito homossexual que a enuncia, direcionando nossas conclusões para a tônica imperativa e transgressora que compõe o cenário em *Falo*.

**Palavras-chave:** Homoerotismo. Poesia marginal. Ditadura civil-militar brasileira. Paulo Augusto.

“porque sabe que é maravilhoso/ ser fresco/ como um dia de Domingo”  
(Paulo Augusto, *Falo*)

No presente trabalho, buscamos analisar a coletânea poética *Falo* (1976), do escritor brasileiro Paulo Augusto Queiróz, a qual se bifurca em uma postura localizada dentro do projeto estético da geração de 1970 e em outra, que persegue a vocalização do desejo homoerótico. Na constituição dos cânticos malditos do poeta potiguar, convém assinalar a interseção entre “homoerotismo” e “poesia marginal” como possibilidade de compreender representações literárias de sujeitos e histórias não sintonizados com os centros de poder e, conseqüentemente, com a instituição canônica tradicional.

O elemento da marginalidade manifesta-se: no conteúdo explicitamente homoerótico; na forma subversiva; no posicionamento contraproducente aos valores hegemônicos. Paulo Augusto assume todas essas vertentes por meio de uma enunciação homoerótica escancarada, cujo local de produção focaliza-se num contexto de repressão, controle e violência – como foi o caso da ditadura

---

<sup>1</sup> Estudante do Mestrado em Letras, Linguagens e Representações, UESC.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Departamento de Letras e Artes (DLA) da UESC e do Programa de Pós-graduação Mestrado em Letras, Linguagens e Representações.

civil-militar brasileira das décadas de 1960 a 1980 –, assumindo um tema que, no meio literário da época, nunca fora abordado de maneira tão explícita.

Levando em conta os campos teóricos com os quais estabelecemos diálogo, é necessário visualizá-los, em primeira instância, como espaços onde a diferença funda-se como elemento gerador de toda a proposta ali concebida. Tanto a poesia marginal quanto o homoerotismo situam-se como signos de subversão de valores contra-hegemônicos, desafiam estruturas de poder, propõem rasuras e revisões, demovem visões únicas e autoritárias.

Em segunda instância, é necessário compreender, nos campos de estudos citados, como o lugar das margens é entendido e investido de sentidos próprios e significantes. A marginalidade se destitui de valoração negativa, pois o não pertencimento ao centro permite questioná-lo por vias alternativas, de modo que a experiência da diferença na construção do discurso literário promove uma (re)avaliação dos princípios adotados pelo cânone. Com efeito, no tradicional processo de dominação, discursos hegemônicos escamoteiam como universais valores que são, na realidade, particulares, negando o adjetivo “literárias” a práticas enunciativas das minorias, consideradas expressões menores de uma “subliteratura”.

O temor ao diferente, que instala desordem ou mesmo questiona relações hierárquicas, surge como pesadelo a uma sociedade regimentalmente controladora, diante da qual, mecanismos de controle social procuram silenciar indivíduos situados fora do estatuto da normatização. Assim aconteceu com sujeitos homossexuais e com subjetividades engendradas no entorno da homossexualidade. Se há um discurso para enquadrar os inomináveis, será produzido por instâncias hegemônicas, como a igreja, a medicina, a psiquiatria, a polícia; forja-se um discurso que, além de neutralizar a existência desses indivíduos, torna-se poderoso em afirmar a não pertença ao estatuto da normalidade.

Nesse enquadre, “viados”, “sapatonas” e demais pessoas que não cabem nos padrões da heterossexualidade compulsória trazem em suas bocas o “falo” enunciativo de desejos, vozes destruidoras da sexualidade sistêmica e dividida em categorias, forjadas por discursos falocráticos, heteronormativos e homogêneos. Sintomaticamente,

todos/as nós, gays e lésbicas, somos de alguma maneira afetados/as por essa ausência de história que nos condena a repetir perpetuamente os mesmos erros do passado. É bom ressaltarmos, no entanto, que nossos/as ancestrais não foram simplesmente enterrados/as ou esquecidos/as por nós. O importante aqui [...] é criar uma genealogia que expõe o processo pelo qual nossa história foi, e continua sendo, apagada e usurpada por um sistema institucionalizado de heterossexualidade compulsiva (SANTOS, 2002, p. 18).

Ao mesmo tempo, projetamos reflexões sobre o presente a respeito das subjetividades e identidades homoeróticas, numa postura combativa à homofobia institucionalizada, bem como a formas de violência direcionadas contras as sexualidades e identidades dissidentes. Nesse sentido,

como parte integrante das culturas, as narrativas literárias podem e devem trazer elementos que colaboram para o dismantelamento do status normativo da cultura e, desta forma, desterritorializar as estruturas de poder que marginalizam grupos identitários (BAROSSO, 2015, p. 161).

Nas discussões empreendidas pelas expressões homoeróticas na literatura, surgem estreitas relações entre sexualidade, poder e alteridade. Pela tradição canônica, tais expressões figuram num espaço constituído de interdições e opacidades, pois quando não se interdita o discurso explícito do homoerotismo, apaga-se a vinculação homoerótica identificada no autor. Nessa postura, identificamos “um certo temor evidente em falar, em retratar o diferente, uma vez que a cartografia do desejo vem exigindo outras e novas leituras que se ocupam do periférico com reverências para a orientação sexual” (GARCÍA, 2014, p. 23).

Em vista disso, justifica-se a exigência de uma reelaboração da crítica literária diante de expressões diversas, pois seria contraproducente aliar os instrumentais analíticos tradicionais – condicionados a valores hegemônicos – na leitura de literaturas situadas fora de centros de circulação e recepção literárias. Além disso, “a constituição de uma crítica literária deve buscar a constituição de um discurso capaz de verificar, não só o lugar que o homossexual ocupa na cultura, mas, sobretudo de constituir um discurso que problematize a constituição da cultura” (LUGARINHO, 2002, p. 57).

Atento às demandas teórico-metodológicas e de práticas críticas implicadas na relação entre literatura e homoerotismo, Barcellos (2006, p. 6) discute três questões provisórias no entendimento da questão guei: combate sem tréguas à homofobia; olhar crítico em relação à liberalização de costumes e à lógica do capital; atenção às práticas e posturas críticas assumidas, bem como de suas possíveis implicações:

É necessário estar atento a essas questões a fim de que, ao se trabalhar a relação entre literatura e homoerotismo, não se reproduzam inadvertidamente estruturas homofóbicas de pensamento, nem se proceda a uma rendição ingênua à lógica do capital ou a uma dissolução da própria especificidade do tipo de estudo que se está empreendendo.

No que diz respeito à representação literária, Barcellos esclarece que a literatura não reflete diretamente a existência de uma forma preexistente de relações homoeróticas na sociedade, o que

implicaria na aceitação de uma identidade homogênea e essencialista da homossexualidade. Entretanto, é preciso atentar-se ao fato de que o próprio discurso literário cria a homossexualidade de que fala, assim como a crítica literária também a cria nas operações hermenêuticas a que recorre.

Desse modo, evoca-se a diversidade de experiências e modos de se viver o homoerotismo, sem a necessidade de classificação ou categorização de subjetividades. Parece estar aí contido um instrumento capaz de mobilizar lugares fixos e/ou cristalizados pelos discursos heterofalocráticos de dominação, sensível na escuta do diferente, direcionado a tornar a fronteira entre os centros e as margens menos sólida e mais flexível ou, até mesmo, confusa e indiscernível. A respeito disso, argumenta Guacira Lopes Louro (2004, p. 20):

A fronteira é o lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto. Ela separa e, ao mesmo tempo, põe em contato culturas e grupos. [...] O ilícito circula ao longo da fronteira. Ali os enfrentamentos costumam ser constantes, não apenas e tão somente através de luta e conflito cruento, mas também sob a forma da crítica, do contraste, da paródia. Quem subverte e desafia a fronteira apela, por vezes, para o exagero e para a ironia, a fim de tornar evidente a arbitrariedade das divisões, dos limites e das separações. Por isso, a paródia que arremeda os 'nativos' do 'outro' lado, que embaralha seus códigos com os 'desse lado', que mistura e confunde as regras, que combina e distorce as linguagens é tão perturbadora. Ela se compraz da ambiguidade, da confusão, da mixagem.

Pensar o homoerotismo na literatura como lócus de trânsito entre sujeitos, subjetividades, desejos e alteridades demove lugares fixos de onde os mecanismos de poder produzem discursos preconceituosos e discriminatórios. Não se pode ler essas configurações sem o signo da alteridade, pois no outro indivíduo reclamado pela experiência do marginal e do diferente o ser é espaço de pluralidade, diversidade e, por situar-se num trânsito inacabado, sabe que a diferença baliza suas relações com o outro.

Com efeito, o sujeito homossexual emerge para a construção do seu espaço identitário e de enunciação, alocando dentro da escrita literária uma experiência de si que sinaliza uma reivindicação por reconhecimento e validade. Tratar dessas questões no âmbito da literatura contemporânea permite-nos movimentar rótulos fixos e consciências paralíticas, pois

A experiência com a homossexualidade, [...] propõe-se a celebrar o direito à voz com a autoridade de poder construir a formação da subjetividade astuciosa, implicando, portanto, uma política identitária menos disciplinar e arrogante com a relatividade imagética consumista. Para presentificar o desejo homoerótico com posturas mais revolucionárias ao lidar com os avanços e recuos nas atividades sexuais com o outro, as personagens literárias tornam-se sujeitos reais, fora do lugar, focalizados nas margens e à procura de si (GARCÍA, 2011, p. 264).

Também como proposta focalizada nas margens, constituindo rasura interessante a toda uma tradição poética clássica, a poesia marginal assume as possíveis matizes do adjetivo à qual recorre. Instaura-se um lugar de onde se projetam poéticas do sujeito contemporâneo, que nem sempre trazem consigo temas universais ou transcendentais, mas versam sobre o inútil cotidiano, além de convocar temas considerados impossíveis pela higiene poética tradicional.

Propositalmente, a poesia marginal levou um mal-estar à crítica literária vigente. Questionavam a validade daquilo que pretendia ser poesia, denunciando a falta de depuração estética ou mesmo de requisitos formais que assegurariam tamanha configuração. Decerto, o desarranjo provocado pela poesia marginal favoreceu o ambiente para a experimentação de outros modos de fazer poesia, confrontando sempre os valores da tradição com as empreitadas do sujeito pós-moderno (CABAÑAS, 2009).

O contexto de produção da poesia marginal brasileira inicia-se na década de 1970, sob os anos de chumbo, com a censura nas mãos de ferro dos militares brasileiros. Nas bordas corroídas desse cenário, autores informais publicam suas edições nos mimeógrafos. Seus poemas circulam de mão em mão, não integram os círculos de editoração oficiais. O fenômeno da “marginalia” guiou-se por um direcionamento político-estético-literário pautado na reverberação de um movimento de contracultura em relação aos princípios de censura estatais e aos discursos intelectuais de seu tempo.

Na questão “por que marginal?” é possível elencar uma série de motivações desencadeadas pela proposição da interrogativa. Válido ressaltar a pertinência de não se cobrar uma resposta definitiva do questionamento, posto que o exercício retórico se demonstra importante na medida em que revela várias perspectivas do ser marginal. De acordo com Lizandro Carlos Calegari (2010, p. 14):

Esta produção, caracterizada como subalterna, coloca em xeque a sua própria denominação. Em outros termos: por que seria ela definida como ‘marginal’? Por que seu contexto de aparecimento – o contexto ditatorial brasileiro – é problemático? Em função de sua editoração? Por destoar daqueles aspectos estéticos que definem a lírica moderna? Por tratar de temas que desafiam a ideologia dominante? Não seria a própria forma um meio de subversão ao legitimado e canônico? Talvez, todas essas possibilidades sirvam como pistas para uma resposta. O certo é que essa literatura dita marginal veio para reclamar espaço e ser ouvida, e cabe aos críticos averiguar a sua pertinência e sua força na literatura.

As expressões poéticas marginais desenvolvem-se num conturbado caldeirão cultural, político e social. Nesse horizonte, observamos a passagem impactante de uma sociedade de produção para

uma sociedade de consumo, também se evidenciavam as mudanças do capitalismo internacional e sua incidência nas lógicas e formas de socialização. No plano político, os jovens brasileiros vivenciavam as pressões de um Estado ditatorial, altamente repressivo (HOLLANDA, 2009).

Os marginais rompem com a dicção moderna da poesia ocidental, pela qual o poeta era ocupado de cantar verdades universais, numa linguagem imbuída da missão transcendental de equiparar-se à grandeza dos temas propostos. No fenômeno da geração de 70 ocorre um “estilhaçamento da figura convencional do poeta, como ser escolhido, entidade visionária e superior” (CABAÑAS, 2009, p. 66). Conseqüentemente, o poeta aproxima-se do cotidiano, de temas corriqueiros e até mesmo impraticáveis de se fazer poesia, numa linguagem comum do homem urbano; ele manifesta as tensões e paradoxos da vida particular, sem elevar-se por questões universais.

Floresce então uma expressão poética que vai

se aproximar de seu tempo histórico sem o encantamento utópico ou o afã restaurador de outrora, para enfrentá-lo com grandes doses de ironia e paródia e com o propósito deliberado de remeter-nos sem delongas para o mundo fosco do cotidiano urbano, do homem médio que o habita e da linguagem decifrada que por aí circula, sem nenhuma aspiração a engrandecer-lhes as feições. Não apenas se trata aqui do tratamento conteudístico de tal contexto existencial, mas de uma tentativa de representá-lo formalmente, que começa na imposição de uma palavra descarnadamente prosaica, com o tom coloquial e o recorte balbuciante do mais trivial da expressão corriqueira (CABANÁS, 2005, p. 05).

Conceitualmente, buscamos compreender a poesia marginal como uma “experiência da diferença”, em direção contrária ao pensamento da crítica, interpretando-a como realização desviante e subversora dos princípios racionalistas da tradição poética. Nas experimentações marginais, é possível

ver no descompromisso com a racionalidade do discurso letrado não a barbarização da estética mas uma forma de mostrar como esse discurso é impositivo. Na sua ludicidade, gratuidade, zombaria e brincadeira, não a desqualificação da poesia como via para também realizar a crítica do seu tempo, mas recursos que lhe permitem implementar a ‘arte da dissimulação’, maneiras ardilosas de enfrentar o poder hegemônico arbitrário e discriminador e reapropriar-se de certos índices de autonomia. No uso da gíria, não comodismo e desleixo, senão a diversidade linguística, a convocação da pluralidade que desarticula o discurso homogeneizador e mostra a existência do outro nas suas diferenças e particularidades. Na paródia e no pastiche, não a canibalização dos estilos, mas a não-dissolução das diferenças, o não apagamento das oposições, o direito do outro se expressar por si (CABAÑAS, 2005, p. 26).

Igualmente necessária, assim como no caso da literatura homoerótica, é a revisão da crítica literária no tratamento da poesia marginal. Pelo teor da própria proposta marginal, não se pode observá-la fortuitamente como “poesia ruim”, ou até mesmo não considerá-la poesia. Nos jogos de pastiche, paródia, estratégias de reapropriação, humor desencarnado e ácido, a tradição sempre é (re)visitada, permitindo questionar o cânone literário, como instrumento de resistência. Em consonância com Cabañas (2005, p. 4), acreditamos

estar aí contida a luta por um espaço de expressão sensível, que vem mostrar, por um lado, a procura do reconhecimento social de vivências sócio-culturais não integradas aos centros tradicionais do poder cultural, enquanto também nos oferecem a oportunidade de observar o comportamento de uma prática crítica que lhes nega legitimidade estética. É por isso que se coloca a necessidade prévia de explorarmos as razões e argumentos desta última, de conhecer-lhe as motivações, na medida em que tal prática representa um dos pilares de sustentação do poder da elite cultural local, essa mesma que confere ou não atestado de cidadania estética às expressões da cultura.

O ponto de encontro que estabelecemos entre a poesia marginal e a literatura homoerótica é justamente a experiência da diferença que modifica as formas canônicas dentro e fora da literatura, o surgimento de novas personagens e cenas, a emergência de vozes questionadoras de espaços de enunciação, a abertura à multiplicidade e pluralidade. Se há limites entre as margens e os centros, tamanha discussão aponta-nos para o caminho da fluidez, da dissolução entre fronteiras.

Convém recordar que a constituição do regime ditatorial brasileiro ergue-se à guisa de um modelo de masculinidade hegemônica, no qual o militar é a expressão mais acabada dessa sistema. É operacionalizada uma dominação construída pela disciplina dos corpos, pela moralização da sexualidade, pela repressão do subversivo. Na aplicação da didática, a violência se ocupará de tais encargos pedagógicos.

Na tradição patriarcal, o sexo masculino confunde-se com a própria expressão do poder e será considerado inato aos portadores do membro fálico. Consequentemente, ao longo da história, constitui-se um conjunto de práticas socioculturais que referendam o espécime masculino ideal apto para afirmar o lugar do poder nas relações socioculturais. Nesse sentido,

A ditadura se ancorava, por certo, numa leitura masculinista e fálica do mundo: desbravar, entrar, penetrar foram imagens constantes na linguagem de Golbery do Couto e Silva e de outros ideólogos do regime [...]. A masculinidade militar era ostensivamente homofóbica, mas também, por definição, homosocial, posto que marcada pela ausência da mulher. A voz do regime era decididamente masculina (AVELAR, 2014, p. 49).

A imagem do corpo masculino personifica o Estado autoritário, numa fusão de pátria e homem. De todo modo, a existência de corpos subversivos é perigosa para a manutenção da ordem do poder, principalmente quando questionam o regimento da masculinidade hegemônica. Assim é entendida a homossexualidade no regime ditatorial:

Vista como anômala e sob controle do Estado, a homossexualidade é uma raiz que deve ser extirpada pelo regime [...] que visa domesticar posturas e regravar conceitos aos indivíduos, indivíduos assujeitados a obedecer a ideais logrados pela disciplina e pouco mediados a constituir práticas de liberdade (GARCIA, 2014, p. 28).

Como estratégia de interditar os sujeitos homossexuais, a ditadura valeu-se de mecanismos de subalternização e silenciamento de tais vozes, num processo de invisibilidade e marginalização de subjetividades tidas como abjetas. A própria existência desses seres configura um atentado à vigência da lei, da ordem e da disciplina, situando-os num espaço de ilegalidade e imoralidade, cuja cartografia abarca regiões do desejo proibidas de vocalização.

A escuta dessas vozes é sempre necessária quando se retoma tal contexto histórico, seja para oxigenar a memória em relação ao autoritarismo e violência do regime militar, seja para pensar no papel histórico das minorias quando oferece resistência e reclama valores democráticos.

Em *Falo*, de Paulo Augusto, há um encontro de vozes marginais que gritam sob o repressivo silêncio a que foram submetidas, dizem a plenos pulmões da sua existência, rasgando o véu da normalidade responsável pela sua camuflagem social. Cada eco dissonante reverbera contra a harmonia hegemônica, para desafinar o andamento da ópera dos militares e reclamar a presença de vocalistas marginais.

O poeta potiguar assume o peso da marginalidade assinalada no corpo: eis uma bicha nordestina! A partir dessa experiência, modula em sua lírica uma enunciação dos falares marginais. Os versos livres fluem diretamente a denunciar o que é ser nordestino e bicha durante os anos de chumbo. Não se encontra o verbo velado e tímido dizendo das experiências homoeróticas, mas o verbo rasgado e vibrante, que fala sem pudor nem temor.

Destaca-se a ousadia de uma obra como essa, principalmente no contexto ao qual pertence e nos temas aos quais recorre. A primeira edição de *Falo* é de 1976 e seu processo de circulação é o mesmo dos poetas marginais: distribuição corpo-a-corpo em portas de bares, restaurantes, teatros, cinemas, etc. É possível falar de um pioneirismo em relação à poética homoerótica brasileira, porque

sua primeira edição, Rio de Janeiro/1976, antecede alguns meses à fundação do próprio movimento brasileiro de libertação homossexual. Até aquela época, quem ousava proclamar ‘é maravilhoso ser fresco, trans-viado’ estava sujeito não apenas ao estigma e opróbrio popular, mas corria até o risco de ser processado pela polícia federal – como ocorreu com os fundadores do [...] jornal gay tupiniquim, *O Lampião*, cuja circulação nacional coincide com o mesmo ano da publicação destes poemas (MOTT, 2002).

Ou como pontua Glauco Mattoso (2002), pseudônimo do poeta homossexual Pedro José Ferreira da Silva:

Naquele momento, *Falo* representava um marco histórico na poética homoerótica brasileira. Ilustres antecessores, como Mário de Andrade e Mário Faustino, não quiseram (ou não puderam) avançar tão longe na explicitação do amor masculino, algo que, em nosso idioma, só fora alcançado pelo português *Antônio Botto*. O único paralelo nacional seria, talvez, *Roberto Piva*. Meus próprios versos escancaradamente homoeróticos ainda estavam por sair.

Referente ao contexto de produção literária homoerótica situado entre 1970 e 1980, verifica-se um silenciamento da grande imprensa no tratamento de autores que ousam explicitar a temática homoerótica em seus textos. No tocante à poesia produzida na época, nomes como Paulo Augusto, Roberto Piva e Glauco Mattoso ousam desafiadoramente manifestar de forma mais explícita a erótica homossexual em suas obras (TREVISAN, 2011, p. 266). Assim sendo, a lírica homoerótica adquire novo vigor, pois anteriormente a esse panorama, apenas vultos indiscerníveis de fantasmas homoeróticos apareciam na literatura; os autores mantinham o velo do moralmente aceito, “pisando em ovos” ao tratar dos amores de “invertidos”. Em relação à prosa homoerótica, vemos uma produção relativamente maior comparando-se com a poesia. Destaca-se a coletânea de contos *Histórias do amor maldito*, de 1967, organizada por Gasparino Damata, como uma das “primeiras coletâneas que privilegiam questão gay” (LOPES, 2002, p. 41). Ainda no campo da ficção homoerótica

Merecem [...] destaque trabalhos que colocam em cena a associação entre repressão política e repressão sexual – tanto por parte dos conservadores quanto no cerne dos movimentos de esquerda, vistos como mundos francamente masculinos – como o romance *Nivaldo e Jerônimo*, de Darcy Penteado (1981), o pungente e liberador aprendizado dos sentidos em *Meu corpo daria um romance*, de Herbet Daniel (1984), ou obras menos convencionais como as de João Silvério Trevisan (*Testamento de Davi deixado por Jonathan*, 1976) e Silviano Santiago (*Stella Manhattan*, 1985), fugindo do tom neonaturalista ou de alegorias (LOPES, 2002, p. 42).

O tom de *Falo* anuncia-se pela dedicatória a uma figura emblemática do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX: João Francisco dos Santos, conhecido como Madame Satã, é símbolo

da marginalidade carioca. Negro, pobre, homossexual e transformista, “é um dos personagens mais curiosos entre os homossexuais masculinos brasileiros do século XX. Tendo gerado mitos em torno de sua valentia e façanhas [...]. Satã identificava-se como bicha, e mesmo orgulhava-se disso” (GREEN; POLITO, 2006, p. 142-143). A marginalidade confunde-se com o corpo de Madame Satã, faz substância onipresente, como canta o poeta na “Balada para madame Satã”: “Sim – madame divina!/ eu penso./ Precursora, poderosa/ Lampião do asfalto./ A Lapa tremia contigo,/ vibrava, amava contigo,/ trepava” (AUGUSTO, 2012, p. 29).

Em “Avant-Premier”, literalmente, o poema que abre o livro em estudo, a cena recobre a primeira relação homoerótica de um rapaz: “Não foi medo que senti/ quando você imenso/- era a primeira vez -/ me rasgou a blusa/ inebriado e tonto/ Eu era virgem/ como todo mundo o foi” (AUGUSTO, 2012, p. 1). Verifica-se uma aura de virtuosismo pontuada pelo efebo virgem, prestes a ser entronizado no rol “daqueles amores que não ousam dizer o nome”. Diante do membro do parceiro, ainda tocado pelo recato inicial, o jovem mostra-se vacilante: “Vislumbrei à luz murcha da tarde/ tua fortaleza pontiaguda/ e me recordo: meu coração/ recuou”. Contudo, o mancebo segue o ritual iniciático: “Mas juntei minhas forças todas”, mesmo ciente das palavras da mãe que lhe soam à memória: “e num relance lembrei-me/ que mamãe sempre dizia:/ - Homem é para-mulher,/ e mulher é para-homem”.

Na superfície das palavras finais de “Avant-Premier”, poderíamos interpretá-las como um lembrete ao corpo iniciado nos jogos homoeróticos, para retornar à heteronorma. Entretanto, o “para-mulher” aparece como figura da homossexualidade, fato que corrobora o arquétipo do homem afeminado, além disso, “mais evidentes são as críticas ao primeiro amor, [...] a toda essa subvalorização da mulher, da virgindade etc, que escamoteiam uma visão clara do mundo” (ESCOVEDO, 1977). Aqui está uma estratégia sub-reptícia de fingir absorver as normas hegemônicas que controlam as sexualidades desviantes para, então, fazê-las risíveis dentro da própria estrutura de poder à qual pertencem.

Ainda situado na crítica dos mecanismos de produção das performatividades do gênero, “Vae Victis” sinaliza os primeiros movimentos na atribuição entre sexo e papel social de um corpo desviante: “A primeira mentira dita,/ a gente se documenta [...]/ A enfermeira é porta-voz,/ Oficiosa, a víbora morde, assopra,/ e cospe um verbete: Homem!/ Meu pai acredita,/ Minha mãe se deleita/ o povo festeja” (AUGUSTO, 2012, p. 2). Nessa atribuição de gênero, o discurso ocupa papel fundamental para criação e manutenção da heteronormatividade, pois a afirmativa “é homem” funda um destino configurado entre sexo e gênero; e isso depende de

Um grande investimento (que) vai ser empreendido para confirmar tal nomeação. Ela não está absolutamente garantida. Precisar ser repetida, citada e recitada incontáveis vezes, nas mais distintas circunstâncias. E poderá, igualmente, ser negada e subvertida. O devir pode tomar muitas direções. O terreno do gênero é escorregadio e cheio de ambivalências (LOURO, 2016, p. 14).

Quando o corpo desvia-se das prescrições normativas de sexo e gênero, ocupa automaticamente um lugar subalterno frente à matriz heteronormativa: “Etiquetado, recebo no berço/ a humanidade/ me olhando e rindo/ um riso que eu não entendo/ e que não me larga” (AUGUSTO, 2012, p. 2). Evocamos aqui o entendimento do teórico e ativista francês Didier Eribon, para discutir a presença de um discurso sobre a homossexualidade que precede a própria consciência do indivíduo homossexual:

Um gay sabe desde sua tenra idade, antes inclusive de ter uma vida sexual, que há gente as quais se podem tratar como bichas. E um dia toma consciência de que forma parte deles. Daí provem frequentemente, o efeito de terror, de vergonha, com tudo o que implica (a vontade de esconder-se, a vida dupla ou, para alguns, os patéticos esforços para mudar...) (ERIBON, 2000, p. 72, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Em relação à coletânea poética em estudo, a estrofe final de “Vae Victis” traz clara releitura do “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade: “Só não ri o anjo, que me protege/ assexuado, a-ético, aéreo,/ sobrevoando meu ser/ e dizendo:/ - Vai, Paulo, ser gay na vida!” (AUGUSTO, 2012, p. 2). O adjetivo drummondiano *gauche* torna-se o signo “guei”, funde-se o caminho torto do poeta e do homossexual, numa dupla *gaucherie*. Numa cena de revelação, atitude de afirmação de sua identidade, o poeta versa: “No espaço geográfico do discurso há-sumo./ Nihil obstat”. Revela-se o corpo homoerótico empossado do “sumo” de seus desejos, oferecendo-se corpo de resistência na atitude de constituir uma subjetividade positiva. A verve irônica do poeta beira a iconoclastia, pois serve-se da expressão latina *nihil obstat* (nada consta) – utilizada pela Igreja Católica para dar aprovação oficial a uma publicação – para selar o destino subversivo ao qual fora designado.

Na construção de “System-Atica”, o corpo homoerótico transita por vias íngremes até a sua revelação. Primeiro, apresenta uma ameaça à ordem vigente, seja pelo seu desbunde, seja pela curiosidade que desperta, seja pelo desejo que incita, logo a resposta é apresentada: “Porque sou

---

<sup>3</sup> Do original “Un gay sabe desde su más tierna edad, antes incluso de tener una vida sexual, que hay gente a la que se puede tratar de maricones. Y un día toma conciencia de que forma parte de ellos. De ahí provienen frecuentemente el efecto de terror, de vergüenza, con todo lo que implica (la voluntad de esconderse, la doble vida o, para algunos, los patéticos esfuerzos para cambiar...) (ERIBON, 2000, p. 72).

fresco,/hábil, lépido,/a gerontocracia sente medo,/se arrepia/como um rato./Cospe leis, editos, atos./Se agasalha, modorrenta, rouca/recua/ na cadeira de balanço” (AUGUSTO, 2012, p. 10). Após ser rechaçado, esse corpo passará por um processo de enquadramento à normalidade, deve corresponder ao papel social atribuído ao seu sexo: “Quando exhibo meu porte./meu corte,/ me chama de trans/viado/ me cobra pedágio – a doida/ quer me ver casado, parindo mão-de-obra para eternizá-la”. Nem os meios de repressão resistirão ao agente estranho nos meios dos anticorpos moralizantes, o estranho corpo revitalizará o fantasma do desejo inconfesso: “Se me encontra pela rua/ madrugada/ quer violentar-me, ver meus documentos,/ me revista e se delicia/ apalpando minhas partes, pensa em coito”. Por fim, é alcançada a epifania do corpo homoerótico que, resistindo ao controle sócio-sexual, emerge lépido e gracioso: “Quer me tributar,/me chupar – foder-me/ porque sabe que é maravilhoso,/ ser fresco/como um dia de Domingo”.

A trajetória do corpo homoerótico delineado em “System-Atica” bem nos tem a dizer de como

A sociedade e sua expressão médica padecem do delírio da perseguição. A homossexualidade que reprimem ressurge em todos os poros de seu corpo social. Escavam com tão mais violência na vida privada dos indivíduos uma vez que sabem que o que ali ocorre os trai e escapa das redes dos tribunais. Multiplicam-se as barreiras de uma repressão que se descobre altamente ineficaz ao sentir-se acorrentada ao desejo que persegue (HOCQUENGHEM, 2009, p. 33, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Surge uma fronteira nebulosa entre violência, tortura e pulsão sexual. Até que ponto a repressão e a tortura não são expressões de um desejo sublimado? Será o torturador um sádico a realizar peripécias sexuais inconfessadas? Em “Poema para as mãos de Antônio”, canta-se, em tom laudatório: “Essa mão que me segura/ pelo pescoço, me sacode/ e me revista, essa mão que eu amo” (AUGUSTO, 2012, p.21). Entre a carícia e a bofetada, desenrola-se um jogo de amor-perseguição, em que não se sabe se as indistinguíveis marcas deixadas na cena do corpo são de autoria do ódio ou da paixão. A única certeza constatável é que a mão segue seu itinerário de dor e/ou prazer: “Se peço que pare, avança – adoro!/ Louca, impura grossa,/ entra aonde não deve,/ [...] goza – banha-se no meu torpor,/ [...] Vive para acariciar/ meu rosto/ e me bater/ se grito/ quando quer me amar”.

Pelo medo irradiado do corpo (des)viado, o aparelho repressor irá perpetrar medidas legais necessárias para interditar o corpo homoerótico sob atos, decretos, artigos e incisos. Afinal de contas,

---

<sup>4</sup> Do original: “La sociedad y su expresión médica sufren del delirio de la persecución. La homosexualidad que reprimen resurge en todos los poros de su cuerpo social. Excavan con tanta más violencia en la vida privada de los individuos por cuanto saben que lo que allí sucede las traiciona y se escapa de las mallas de los tribunales. Multiplican las barreras de una represión que se descubre altamente ineficaz al sentirse encadenada al deseo que persigue” (HOCQUENGHEM, 2009, p. 33).

o homossexual é também um criminoso. Assim nos diz o “Estatuto”: “Ser bicha é ser enquadrado/ no inciso C/ do parágrafo terceiro/ do artigo 24/ da lei de segurança inter/ nacional” (AUGUSTO, 2012, p. 16). Juridicamente, o estatuto é um instrumento de regulamentação das relações entre seres pertencentes a um coletivo concreto. No tocante ao poema, o estatuto aponta uma relação entre o aparelho repressor e os homossexuais, pontuada pelo medo e pela violência: “Ser bicha: ser inspecionado,/ é ter revirado o passado/ e investigado o medo – / [...] É a polícia, acessa e trêmula/ no encaço do baitola amedrontado”. Porém, parecia haver justificativa para tanto medo, porque ser bicha “É ter parte com o demônio,/ aprendiz de feiticeiro./ É estar entre, no meio, ser meta-de/ Outros homens” (AUGUSTO, 2012, p. 17). Em outras palavras, ser bicha desafia a masculinidade hegemônica, desliza pelas fronteiras de gênero, perturba o sistema de categorias sexuais, faz-se consciente de que desperta uma porção de desejo em outros homens.

Em “Portaria intrusa”, o poeta debochadamente acusa o aparato legal na repressão do desejo: “Uma portaria caiu/ de súbito/ estrondosa/ mente, sobre o meu desejo” (AUGUSTO, 2012, p. 31). Repressão apenas na superfície da sociedade, pois à calada da noite vai o aparato repressor a desfrutar dos meliantes sexuais: “Arregalo os olhos/ e vejo o inciso/ perpetrando introduções/ no meu ser - / insolente, arranhando/ minhas paredes retais/ em busca do meu centro”. É justamente o centro – o ânus – o elemento salvífico dos homens, elo de conciliação, inexpugnável orifício de redenção: “No fundo meu amor abunda./ Através dele há de ser salvo/ o mundo” (AUGUSTO, 2012, p. 6). Deslocado para o ânus, o centro de poder deixaria de corresponder aos ideais de dominação falocráticos, em certa medida porque sinaliza “abertura” democrática, partindo do princípio de que se faz presente em todas as pessoas.

Por sua vez, como nas imagens de Botero, “Fedem” traz a figura rechonchuda dos homens de poder, caracterizada pela glotonaria e modorra: “O magistrado ri, balofo,/ cego e balança a saia./ Protege a nação/ da desregulada/ e momentosa dissolução/ dos costumes” (AUGUSTO, 2012, p. 24). Na manutenção da moral e dos bons costumes, o oficial de justiça é investido do poder de encarcerar o insumo desvirtuado da sociedade, oferecendo-lhes a hospitalidade das prisões, assim como em “Ração balanceada”: “Tem pressa, tamborila,/ a voz, rouca, tange:/ - O próximo!/ As grades rangem,/ Rebanhos pastam, aguardam/ a vez./ Vadios, prostitutas, bichas loucas, estelionatários, que um camburão despejou lá fora” (AUGUSTO, 2012, p. 23). Além disso, a justiça que exerce obedece a uma lógica relativista: “Pudibundo, aparatoso,/ o homem togado,/ convicto e obeso, absolve o criminoso/ de guerra – patriota,/ festejando sua indômita/ e voraz bravura”. Em nome da pátria e dos costumes, será permitido o uso de mecanismos de violência, mesmo que desumanos – como a tortura

–, para expurgar a nação do desvio, da amoralidade, de condutas abomináveis. Nesse sentido, García (2011, p. 257) argumenta:

Se o que se trata aqui – e aqui remeto à cultura gay – é do controle sobre o ato da fala, sobre o agir e sobre o existir sob restrições, [...] o modo como os Estados modernos buscam gerir a vida, mais do que infligir a morte, tal como raciocinava Foucault, nunca deixaram de reivindicar o direito de matar, de, no seio da própria ordem jurídica, alojar o que chama de ‘estado de exceção’ em que, contraditoriamente, a própria lei permite sua violação em casos excepcionais.

A postura marginal do poeta o coloca numa posição de questionamento das estruturas de poder e, assim sendo, o riso do marginal provoca a sisudez do sistema, constitui-se em graça e deboche. Seu estro poético faz uso de um sarcasmo e de uma ironia virulenta. No “falo” que traz à boca, procura os tons mais agudos, estridentes, exclamativos, é necessário tirar as mordanças, pois compactuar com o silêncio resulta numa convivência perpetuadora do ciclo de dominação, repressão e silenciamento: “Cúmplice de teu medo,/ assombrei-me com o mundo./ Calei, me deixei ficar, perdi-me./ Cúmplice de tua vontade,/ existi para os teus ditames,/ [...] Cúmplice do teu ódio, não apertei gatilhos, vi somente corpos caírem/” (AUGUSTO, 2012, p. 11). Na estrofe final de “Eu era o outro”, o eu lírico sai do estado de torpor e vem recobrar a memória dos esquecidos e silenciados, em virtude da afirmação de suas existências, vozes e histórias: “Hoje não penso nisto, não./ Bastam as dores do olho,/ do meu visor, do meu ângulo./ Sofrer, não – esquecer.../ O mundo é outro hoje, há outras caras na sala, mas não quero ser mais ninguém”.

Motivado por esse desejo, Paulo Augusto rompe a espessura do silêncio repressor, revelando o corpo (des)viado em suas performances transitivas, em trajetórias caóticas, na posse de um desejo consumado e confesso. No ato da prática oral, a boca encontra as vias da enunciação pelo “falo”, potência da palavra e do desejo. Faz-se emergir um corpo de resistência, artefato perigoso às fronteiras vacilantes da masculinidade hegemônica, pois ronda os limiares do poder e os desestabiliza, enfeitando os “machos” com a bruma de sua “frescura”.

Ao discutirmos marginalidade e homoerotismo na obra *Falo*, de Paulo Augusto, desenvolvemos um percurso teórico que uniu a poesia marginal e as expressões literárias homoeróticas como pertencentes a uma estética da diferença. Vistos desse modo, os campos teóricos solicitados constituem lugares de onde é possível adotar perspectivas críticas fora dos centros de poder, oferecendo-nos a possibilidade de resgatar as histórias de grupos minoritários apagadas pela manutenção de um discurso histórico único.

Sob os olhos da crítica literária canônica – de base eurocêntrica, heteronormativa, iluminista e patriarcal –, as expressões literárias homoeróticas sempre figuraram num espaço de opacidades, uma região nebulosa do “amor que não ousa dizer o nome”. De tal maneira, subjetividades, identidades, desejos e toda a vocalização dos indivíduos homossexuais eram comumente relegadas à marginalidade, lugar de destino daqueles que destoam da ordem hegemônica. No entanto, as margens são (re)apropriadas enquanto lugar de resistência: ser marginal traduz-se pela atitude de questionar o *status quo* da normatividade.

Implodir fronteiras, dissimular limites, borrar categorias, desafiar autoridades instituem-se também como estratégias marginais para subverter mecanismos de controle e disciplina. Com efeito, a bicha é potencialmente marginal, pois instala desordem no regimento da masculinidade hegemônica e, conseqüentemente, nas estruturas heteropatriarcais de dominação. Sua palavra corrosiva amedronta, causa espécie e nojo, desperta regiões de desejo inomináveis. Se fala, então, afronta o Estado, atenta contra a moral e os bons costumes.

Entre a marginalidade e o homoerotismo, a obra do poeta potiguar vale-se do riso, da ironia, do sarcasmo, do humor fino, para extravasar as portas do armário. O “falo” manifesta uma potência de palavra e uma potência de desejo, pelas quais o corpo homoerótico incide sobre as estruturas de poder que o negam. O desejo penetra as sexualidades desviantes, atença-lhes a vontade de gozar da palavra e do membro. Em *Falo*, a “bicha” lírica compromete-se em ser porta voz dos falares marginais nos tempos da ditadura militar brasileira.

A coletânea poética em destaque oferece-nos elementos imprescindíveis para discutirmos a relação entre autoritarismo e as literaturas das minorias, bem como possibilita revisar histórias num tempo marcado pelo apagamento de rastros e vestígios da violência repressora. Sob o princípio do ativismo literário, evidenciamos múltiplos outros modos de ser e de ousar viver as relações entre indivíduos. Dessa maneira, lemos o corpo (des)viado e marginal como lócus de alteridade, pelo qual a literatura assume o desejo de liberdade, conclamando todos nós a sermos “frescos” “como um dia de Domingo/ensolarado e pendurado/ no varal”.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Paulo. **Falo**. Natal: [s.n.], 2012.

AVELAR, Idelber. Revisões da masculinidade sob ditadura: Gabeira, Caio e Noll. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 43, p. 49-68, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323130679004>>. Acesso em: 17 maio 2016.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BAROSSO, Luana. *Lesdroides, transborgues, interaliens*: personagens científico-ficcionais além das fembots. In: MITIDIÉRI, André Luis; CAMARGO, Flávio Pereira (Orgs.). **Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais**. Ilhéus: Editus, 2015. p. 139-164.

CABAÑAS, Teresa. A poesia marginal brasileira: uma experiência da diferença. **Artifara**, Torino, n. 5, p. 1-21, jan.-dez. 2005. Seção Addenda. Disponível em: <<http://www.artifara.com/rivista5/testi/poesiamarginal.asp>>. Acesso em: 14 maio 2016.

CABAÑAS, Teresa. **Que poesia é essa?!** Poesia marginal: sujeitos instáveis, estética desajustada. Goiânia: Editora da UFG, 2009.

CALEGARI, Lizandro Carlos. Notas sobre a poesia marginal. **Litteris**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 1-15, mar. 2010. Disponível em: <<http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/notassobreapoesia.pdf>>. Acesso em: 25 jun. de 2016.

ERIBON, Didier. Em torno a Reflexiones sur la question gay. In: \_\_\_\_\_. **Reflexiones sobre la cuestión gay**. Barcelona: Belaterra, 2000. p. 71-100.

ESCOVEDO, Sérgio. **Falo para iniciados e entendidos**, 1997. Disponível em: <<http://falo1976.blogspot.com.br/p/falo-para-entediados-e-entendidos.html>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

GARCÍA, Paulo César Souza. Lugares dos ex-cêntricos na literatura. In: SANTOS, Cosme Batista dos; GARCÍA, Paulo César Souza; SEIDEL, Roberto Henrique. (Org.). **Crítica cultural e educação básica**: diagnóstico, proposições e novos agenciamentos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 253- 264.

GARCÍA, Paulo César Souza. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e representações do homoerotismo**. Salvador: EDUNEB, 2014. p. 15-26.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. Quem tem medo de Madame Satã? In: \_\_\_\_\_. **Frescos trópicos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 142-147.

HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual**. Trad. por Geoffroy Huard de la Marre. Barcelona: Melusina, 2009.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Sem título. In: CABAÑAS, Teresa. **Que poesia é essa?!** Poesia marginal: sujeitos instáveis, estética desajustada. Goiânia: Editora da UFG, 2009. (Primeira aba).

LOURO, Guacira Lopes. Viajantes pós-modernos. In: \_\_\_\_\_. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 11-26.

\_\_\_\_\_. Uma sequência de atos. **Cult**: Edição Especial, São Paulo, ano 19, n. 6, p. 12-15, jan. 2016.

LOPES, Denilson. Bichas e letras: uma estória brasileira. In: SANTOS, Rick; GARCIA, Wilton (Org.). **A escrita de Adé**: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil. São Paulo: Xamã, 2002. p. 33-50.

LUGARINHO, Mário César. Crítica literária e os estudos *Gays* e *Lésbicos*: uma introdução a um problema. In: SANTOS, Rick; GARCIA, Wilton (Org.). **A escrita de Adé**: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil. São Paulo: Xamã, 2002. p. 51-58.

MATTOSO, Glauco. **Lira libertária**, 2002. Disponível em:  
<[http://falo1976.blogspot.com.br/p/lira-libertaria\\_6.html](http://falo1976.blogspot.com.br/p/lira-libertaria_6.html)> Acesso em: 18 jun. 2016.

MOTT, Luiz. **Apresentação**, 2002. Disponível em:  
<<http://falo1976.blogspot.com.br/p/apresentacao.html>> Acesso em: 18 jun. 2016.

SANTOS, Rick. Desessencializado *queerness* à procura de um corpo (textual) *queer* inclusivo. In: SANTOS, Rick; GARCIA, Wilton (Org.). **A escrita de Adé**: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil. São Paulo: Xamã, 2002. p. 15-22.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. 6. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Record, 2011.

## WITH THE PHALLUS IN THE MOUTH: LITERARY ARTIVISM

**Abstract:** In discussing the relationship between homoeroticism and marginality in Paulo Augusto's work, Falo, we aim to understand it as a means that leads the poet to the construction of an identity and enunciation space, in counterpart to heteropatriarchal discourses of domination. Theoretically supported, through bibliographic-analytical research, in authors such as Barcellos (2006), Lopes (2002) and García (2011; 2014), who discuss the relationship between literature and homoeroticism, as well as in Cabañas (2005; 2009) and Calegari (2010), who study the phenomenon of marginal poetry of the 1970's decade, we will follow the path of the marginal voice projected in the poetics of the author and the homosexual subject that enunciates it, directing our conclusions to the imperative and transgressive tone that composes the scenario in Falo.

**Keywords:** Homoeroticism. Marginal poetry. Brazilian civil-military dictatorship. Paulo Augusto.